

RELIGIÕES EM REDE: CONTRIBUIÇÕES DE MANUEL CASTELLS PARA O ESTUDO DAS RELIGIÕES NA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA

Prof. Dr. Waldney de Souza Rodrigues Costa¹

RESUMO

Manuel Castells (1942-) tornou-se referência obrigatória nas discussões sobre as transformações sociais que acompanharam o surgimento e a disseminação de novas tecnologias de informação e comunicação (TICs). Conceitos como “sociedade em rede” e “capitalismo informacional”, desenvolvidos em sua trilogia *A Era da Informação*, tornaram-se basilares em diferentes campos de conhecimento. A despeito disso, sua perspectiva teórica tem sido pouco explorada na Ciência da Religião, salvo algumas alusões, sem maior aprofundamento. Sendo assim, o que se pretende nessa comunicação é apresentar elementos da teoria da sociedade em rede que possam contribuir para o entendimento do lugar que as religiões estão ocupando no cenário recente. A partir de uma revisão dos três volumes de *A Era da Informação*, importa destacar pontos que ajudam na compreensão da crescente relevância política de discursos religiosos ou religiosamente engajados. Tais pontos não dizem respeito à relação entre religião e internet, mas principalmente ao lugar da religião na nova forma social gerada com a internet. Em suma, uma vez que o capitalismo é todo rearticulado a partir do paradigma das tecnologias de informação, fica cada vez mais difícil que as pessoas se identifiquem politicamente a partir de sua posição econômica e cresce a identificação a partir de outros marcadores, sendo a religião um dos principais.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade em rede. Modernidade. Tecnologias de Informação e Comunicação. Religião e Espaço Público.

1 INTRODUÇÃO À TEORIZAÇÃO SOCIAL DA RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E INTERNET

Há pelo menos duas formas diferentes de teorizar a relação entre religião e internet. Uma é a da Ciência da Religião. Quando produzimos explicações da relação entre religião e internet perguntando quais as lógicas que a religião assume no ambiente virtual, então automaticamente estamos fazendo uma espécie de religiologia, logo, Ciência da Religião. Há diferentes abordagens geradas por perspectivas desse tipo. Algumas, como a religião midiaticizada ou a midiaticização da religião, têm sido muito discutidas no Brasil e em especial nesta Semana de Teologia, Filosofia e Estudos de Religião. Mas há também a abordagem da religião vivida, menos conhecida por aqui, que reserva um lugar especial para a questão das

¹ Professor e Chefe do Departamento de Ciências da Religião da UERN no Campus Natal; Mestre e Doutor em Ciência da Religião pela UFJF; graduado em Teologia (UNIDA), em Ciências Humanas e em Ciências Sociais (UFJF). Mantém um canal no YouTube dedicado à Ciência da Religião disponível em: <<https://www.youtube.com/ProfessorDney>>. Contato: professordney@gmail.com

mídias sociais e dos limites da divisão online/offline quando se dedica à religião tal como é praticada no cotidiano, fora dos espaços institucionais reservados para isso². Essas duas abordagens são de certa maneira mais afins a uma necessidade de teorizar mais imediatamente o que são as religiões no mundo contemporâneo.

Quando se vai para a Sociologia da Religião a coisa muda um pouco de figura e surge outra forma de teorizar essa relação. Isso porque a Sociologia de qualquer coisa é, antes de qualquer coisa, Sociologia, ou seja, uma busca por entender o que é a sociedade, em especial, o que é a sociedade moderna. Nas regiões banhadas pelo Atlântico Norte surgiu um tipo de sociedade que se hegemonizou e se impõe de certa maneira a todo o planeta, não sem resistência. E surgiu uma disciplina especialmente dedicada a desvendar as lógicas dessa sociedade. É o que faz a Sociologia. E a Sociologia da Religião não perde esse foco.

Sendo assim, é importante ter em mente que, ao falar de Manuel Castells (1942-), estamos nos referindo a um sociólogo. O que significa que tudo que ele fala sobre religião tem a ver com sua busca por entender a sociedade moderna e não a religião imediatamente. Agora, ao tentar entender a sociedade, ele desvenda coisas sobre religião que podem nos ajudar a entendê-la, ainda que esteja sem essa preocupação mais específica e, de certa forma, integral, mais própria da Ciência da Religião, que busca refletir sobre as religiões em suas várias dimensões. A Sociologia faz um recorte, observando as religiões dentro das lógicas sociais, com uma certa autolimitação do alcance teórico. Contudo, essa limitação do enfoque ao mesmo tempo que é reduz possibilidades, cria outras. E aí, sendo Manuel Castells um dos principais autores nas reflexões sobre internet hoje, especialmente sobre a questão da informatização da sociedade e a consequente aceleração do processo de globalização, não deveríamos ignorar as possibilidades de entendimento da relação entre religião e internet criadas pela sua teoria.

Mas falar de Manuel Castells implica em um problema adicional. Assim como acontece com Bauman, Bourdieu e outros autores que se tornam amplamente conhecidos, é comum que as pessoas tenham uma versão pasteurizada de suas teorias em mente. Virou lugar-comum dizer que a sociedade hoje é dominada pela lógica da internet, mas quando alguém não quer dizer isso como senso comum faz a referência ao Castells, nem sempre

² Para mais informações sobre isso, consultar McGuire (2008).

aprofundando o caminho teórico que ele percorreu para falar que a internet é o paradigma da sociedade contemporânea. Para evitar esse erro, buscarei nesse curto espaço levantar alguns elementos essenciais da teoria do Manuel Castells, tomando-o como o sociólogo que é. A intenção é apresentar elementos da teoria da sociedade em rede que possam contribuir para o entendimento do lugar que as religiões estão ocupando no cenário recente. Para isso, darei indicações de como lidar com a sua obra, fornecerei uma visão geral de sua teoria, para só então, aplicar à questão da religião.

2 A ESTRUTURA SOCIAL EM QUE HOJE SE MOVEM AS RELIGIÕES

Se a nossa preocupação é a relação entre religião e internet, como falei no início, Manuel Castells está inicialmente em busca de outra coisa. Ele tá procurando saber quais as consequências dessa nova forma social que a sociedade está adquirindo com a internet. Então, através da teoria de Castells não vamos aprofundar a reflexão sobre a relação entre internet e religião, mas sobre quais os novos lugares encontrados para a religião numa sociedade criada com a internet. E nesse ponto, a palavra “com” é importante. Não é “pela” internet ou “a partir da” internet ou a sociedade que “sofreu o impacto da internet” pois a internet é criação humana. Estamos a todo momento criando e sendo criados por ela. A internet não é uma coisa que chegou de fora e alterou as relações humanas. Seja na religião, na cultura, na política, à medida que vamos interagindo e ajudando a produzir a internet, ela vai produzindo efeitos e consequências inesperadas. É a partir de isso a gente vai se perguntar sobre os novos espaços ocupados pelas religiões nesse mundo criado com a internet.

Das traduções para o português publicadas por editoras brasileiras de tudo o que Manuel Castells escreveu, sem dúvida, a obra mais importante é a trilogia *A Era da Informação*. O primeiro livro é o mais lido, *A Sociedade em Rede* (CASTELLS, 2018a). O segundo é *O Poder da Identidade* (CASTELLS, 2018b). E o terceiro é o *Fim de Milênio* (CASTELLS, 2020), que em 2020 ganhou sua sétima edição. É basicamente essa trilogia que é preciso conhecer para entender a teoria do Manuel Castells para além das aplicações, as vezes mais conhecidas, em livros como *Ruptura* (CASTELLS, 2018c), *Redes de Indignação e Esperança* (CASTELLS, 2017b), *O Poder da Comunicação* (CASTELLS, 2017a) e *A*

Galáxia da Internet (CASTELLS, 2003). Quem quiser entender a teoria completa deve tomar a trilogia como eixo central.

Quem nunca teve contato com as reflexões de Castells, encontra uma introdução pertinente no livro *Os Sociólogos* da Editora Vozes, no capítulo escrito por Alcides Guisso e Simone Wolff (2018). Após essa introdução, sempre indico aos meus alunos que leiam a trilogia de trás para frente. Parece contraintuitivo, mas penso que a conclusão do livro *Fim de Milênio* é uma excelente síntese da teoria. Uma vez compreendendo-a, é possível percorrer a obra refazendo os passos do autor.

Nessa concussão, Castells reforça sua premissa de que uma nova sociedade surge quando há uma transformação estrutural que possa ser observada nas relações de produção, de poder e de experiência. Essa deve ser a principal chave de leitura. Grosso modo, por relações de produção, entende-se a economia, por relações de poder, a política e, por relações de experiência, entende-se a forja da identidade diante de tudo isso. É um recurso do autor para entrar no debate com autores que falavam de sociedades pós-industriais. Um dos argumentos de Castells é que não estamos vivendo exatamente uma era pós-indústria e sim uma era em que a indústria se remodelou com a internet. As possibilidades que a internet abriu relações de produção nessa era constituem um ponto central de sua teoria. Nisso, ele até se aproxima de marxistas ao darem um tratamento especial à economia. Com essa pegada, o autor destaca como principal fenômeno a reestruturação das empresas, algo que aprofunda no livro *A Galáxia da Internet* (CASTELLS, 2003). Surgiu a empresa em rede, ou seja, a empresa que se espalhou pelo mundo, pois, a partir da internet, pode alocar seus diferentes setores em variados lugares do globo. A mão de obra barata em um lugar, o departamento de marketing está em outro, a parte financeira em um paraíso fiscal...

A dispersão das grandes empresas se dá a ponto de afetar gravemente a demanda por mão de obra. Não que surja necessariamente um desemprego estrutural, mas a flexibilidade tornou-se uma exigência, o que vai desestruturar a formação da classe como um importante marcador identitário. Um grande fenômeno que eu uso para exemplificar isso é o surgimento da figura do empreendedor. Ele tem todos os ônus do patrão, todos os ônus do empregado e nenhuma das vantagens, pois não serve mais ao patrão que teria que se submeter a uma legislação trabalhista, mas a clientes e o cliente tem sempre razão. Esse trabalhador flexível,

mormente chamado de empreendedor, se espalha de uma tal maneira que torna muito difícil a sua identificação política como trabalhador.

Nesse ponto já migramos para além da questão econômica. As classes, segundo Castells, continuam existindo. O problema é que o capitalismo em rede remodelou as coisas de uma tal ordem que as classes se tornaram quase invisíveis. Assim, tudo que é sólido se dissolve no ar, o que possui consequências graves para as relações de poder. O Estado, sofrendo processos resultantes da alteração do capitalismo, também precisa se estabelecer em rede, pois perde parte de sua soberania no sentido de capacidade de decidir sobre território. Ele fica em grande dificuldade de dar respostas principalmente para esses trabalhadores flexíveis que não se identificam mais como classe. Tanto os trabalhadores têm dificuldade de se organizar enquanto classe para poder levar as reivindicações aos governantes, quanto o Estado mesmo quando percebe as reivindicações tem dificuldade de impor sua vontade, porque está tudo em rede. O próprio capitalismo interno que ele tem que controlar é incontrolável porque está todo fragmentado pela novidade introduzida pela internet.

Isso tudo tende a gerar mudanças também nas relações de experiência. Se o Estado tem dificuldade de responder por conta da alteração das relações de poder acopladas a mudanças nas relações de produção, a questão da flexibilidade do trabalho introduziu problemas para esse trabalhador se identificar enquanto trabalhador. A consequência é que a experiência, ou seja, aquele fator selecionado acima de outros para a forja de uma identidade pública também é alterado. A sociedade em rede demanda uma identidade que você possa colocar na rede. Uma identidade como padre, como o católico, como evangélico, por exemplo, são identidades forjadas a partir de um fator religião acima de outros, mas surgem também identidades focadas na questão ambiental, nas questões da mulher, da luta pela causa LGBT, da questão racial, entre outras. A sociedade em rede demanda variadas formas de se apresentar na rede, mas há um detalhe: de todas as identidades, a maior dificuldade é projetar uma identidade forjada na produção. As relações de produção continuam acontecendo, mas como se isso não se encarnasse na forma como as pessoas se percebem no mundo.

Neste ponto é preciso destacar um ponto muito importante defendido pelo autor desde o primeiro livro, *A Sociedade em Rede*. Trata-se da oposição entre globalização e identidade. Os processos globais em desenvolvimento são como solventes de identidade, porque vão

forjando o híbrido como padrão e o fim dos modelos. Não há mais modelo de pai, não há mais modelo de político, não há mais modelo de patrão, não é mais modelo de trabalho, não há mais modelo de mulher, não é mais modelo de homossexual, não há mais modelos. E daí, vários híbridos podem surgir a partir das combinações múltiplas geradas no contato que a internet permite. E um efeito muito importante, desenvolvido no segundo livro, *O Poder da Identidade*, é a crise da família patriarcal.

A questão do patriarcado em crise não está desconexa do desenvolvimento do capitalismo informacional. A sociedade em rede, com suas alterações nas relações de produção, demanda por mão de obra flexível. E a mais absorvida, aquela que o capitalismo mais pegou para si, foi a mão de obra das mulheres. Isso por dois motivos específicos. Primeiro porque dava para pagar menos. As grandes empresas começaram a operar em escala global. É o fim das multinacionais e o surgimento das transnacionais. As empresas em rede buscam a mão de obra mais barata e esta era a feminina. Mas também há a questão da exigência de flexibilidade. Como as mulheres geralmente eram a complementação da renda da casa e não a principal, toparam, como estratégia de sobrevivência no mercado, trabalhos flexíveis em que recebem menos, mas que podem trabalhar menos horas ou em diferentes horários. A primeira leva de trabalhos flexíveis permite às mulheres maior autonomia financeira e isso impulsiona movimentos feministas. Ganham força reivindicações por um repensar do lugar da mulher do fim do patriarcado, especialmente quando encarnado no ambiente familiar e isso é mais uma questão para o fim dos modelos. As religiões, como sempre tiveram certos modelos de família, têm muita dificuldade de lidar com tudo isso. E aí vão surgir movimentos religiosos como núcleos de resistência.

3 CONCLUSÃO: O LUGAR DAS RELIGIÕES NA SOCIEDADE EM REDE

Um ponto chave dessa discussão é que, na teoria de Manuel Castells, exceto num pedaço da Europa dito secularizado, as religiões não acabaram, nem estão para acabar. Ele até faz uma brincadeira no início do segundo livro de sua trilogia, dizendo que a notícia da morte de Deus foi sobrestimada. Só que é preciso ler essa ironia do autor com cuidado. É uma provocação aos arautos do secularismo mais do que ao clássico dito de Nietzsche. Para

Castells, não porque as religiões não acabaram que elas estejam da mesma forma que sempre estiveram. Ocorreu com elas aquilo que ocorre em todas as instâncias da sociedade: uma disseminada desierarquização e uma tendência ao carisma como forma social. Mesmo líderes feitos por hierarquia só conseguem manter o seu poder de mando por carisma. Eles têm que ser carismáticos para poder encontrar em algum tipo de identificação na sociedade em rede. Então a religião é parte das instituições que estão com sérios problemas, pois sua sobrevivência depende de líderes carismáticos que aqueçam o coração. Como diz o autor, Deus não morreu, ele vive em nossos corações. Cada um vai escolhendo seu Deus e fazendo várias combinações para além dos modelos institucionalmente concebidos.

Em meio a tudo isso, existe um tipo de religião que vai emergir como aquele principal demandado pela sociedade em rede. Aquele que forja identidades de resistência aos processos resultantes da globalização. Por falta de um termo melhor, ele vai chamar de fundamentalista, cuja expressão maior é o cristianismo e o Islã, mas excede esse escopo. Alguns movimentos muçulmanos, assim como movimentos cristãos vão resistir principalmente à crise da família patriarcal, mas também resistir a essa espécie de desintegração das identidades modelo que o capitalismo informacional gerou.

Então, finalizando, poderíamos dizer que as religiões em rede são, de uma certa maneira, reações a tendências. Mas elas são também refúgios de solidariedade, porque todas as instituições forjadas na sociedade que tinha um certo modelo local de capitalismo industrial como regra têm dificuldade de reagir às mudanças da sociedade em rede. Sindicatos e partidos políticos não respondem à altura do desafio, não só por incompetência própria, mas também pelas contingências estruturais que nublam as posições de classe. Nesse cenário as religiões conseguem se articular em rede e reagir. Elas reagem tanto criando redes de solidariedade para promover algum tipo de assistência, quanto recolocando certos códigos de autoidentificação que conferem um certo padrão de segurança a quem está desconfortável em uma sociedade sem modelos. Alguém que se coloca como guardião de uma tradição, pelo seu carisma, acaba conseguindo de uma certa maneira sobressair e assim inspirar massas através de aparatos sofisticados de comunicação que não são vistos como contraditórios em relação ao que é considerado tradicional. Seja como um refúgio de solidariedade ou como forja de uma identidade de resistência, as religiões seguem se movendo na sociedade em rede. Esses

elementos por si só não resumem tudo o que a teoria de Manuel Castells ainda pode render para a reflexão, mas são importantes pontos de partida para entender as coisas que estão acontecendo no mundo de hoje, especialmente na cena política.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **Fim de milênio**. 7. ed. rev. atual. São Paulo: Paz e Terra, 2020. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 3).

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 19. ed. rev. ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2018a. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1).

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 9. ed. rev. ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2018b. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 2).

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018c.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017a.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017b.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

GUSSI, Alcides; WOLFF, Simone. Manuel Castells (1942-). In: TELLES, Sarah; OLIVEIRA, Solange (Orgs.). **Os sociólogos: clássicos das Ciências Sociais**. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2018. p. 286-303.

McGUIRE, Meredith. **Lived religion: faith and practice in everyday life**. New York: Oxford University Press, 2008.